

Camming 101 Noites - work in process de Janaina Leite: Sim, obra de arte.

Por Luiz Fernando Ramos¹

Uma obra de arte é uma coisa rara, cada vez mais, porque para existir não basta a intenção de criá-la. Há que se alcançar a intensidade de uma presença irradiadora, que emergja como coisa linda em si mesma, e se destaque no oceano visual-auditivo-presencial-banal circundante (avesso às invenções e rupturas) como matéria viva, que nos vivifique e impulsione. As obras de arte são a vida pulsando e o risco que esta pulsação assume. Pressupõem a coragem de olhar e ver, e voltar para dizer e apresentar dizendo e mostrando.

Janaina Leite explora regiões profundas, como espeleologistas, astronautas, mergulhadores e microbiologistas. Navega também, como poeta, no acaso da investigação que se faz fazendo, em perdas e ganhos, tropeços e sustos patéticos. Suas cento e uma noites estão cheias de incidentes maravilhosos, em certas ocorrências fugazes e surpreendentes, próprias às viagens prospectivas, em que se está aberto a tudo e a todos e quando qualquer evento fala por si e gera um conhecimento específico, iluminante, sobre existirmos.

Mas nada disso é casual. Há um programa claro: na pandemia, passar as noites dedicada à militância numa investigação desassombrada, quer dizer, tornar-se efetivamente uma *camgirl* e viver, literalmente, dessa atividade por um tempo, à época do início, indeterminado. Este programa gera uma *poiesis*, vivência de 400 horas diante de clientes pagantes por uma experiência voyeurística de prazer sexual, de fato múltiplos desejos perfeitos na linguagem e na imaginação. A princípio, uma opção de vida, uma escolha.

Não é forma de conteúdo, nem a sociologia, antropologia, psicologia do ato. É uma ação desbravadora da inconsciência do consciente. Ou uma séria operação de desmonte do desejar em carne viva, trocar de carro em movimento, correndo todos os altos riscos ativa e sobranceira, triste cavaleira da figura desaparecida. Sim, a tristeza está presente. Com a flor, dignidade absoluta do feito, desvendar nas sombras dos segredos mais recônditos a beleza do viver e a possibilidade de descortinar os impossíveis.

¹ Crítico, pesquisador, professor na Universidade de São Paulo, Editor da Revista Sala Preta e ex-jurado do prêmio Shell.

Talvez Orfeu, a percorrer sombrias trilhas em busca de um resgate improvável. Mas, sim, Orfeu, baixando aos noturnos mais secretos e driblando com as palavras e os sopros as fúrias mais descabidas. Orfeu que desperta Eurídice sem par, Orfeu que é sóbrio e não olha para trás. Mas também Odisseu, astuto e de curvo pensar, desenhando a estratégia nas coxas mortais com graça de engenheiro divino, aliado de Palas Atena, guerreira mor do pedaço, com uma coragem sobrenatural de deusa insuspeita do mirar.

E mais raro e lindo que tudo, o ato de produzir conhecimento, ciência, com o vivido. Epistemologia performativa. A conferência, pausada, entre vibrações imagéticas e ideias claras como a chuva, ou estridentes como o sol, que constroem a tese e destroem as certezas. Mas também a dramaturgia de encontros reais, entrecruzados com o presente e com os momentos cruciais de apresentação, como o do desmascaramento, cena de reconhecimento invulgar, ou sua própria narrativa, colhida, como objeto encontrado na ação.

Sim, de fato, é uma realização no limite entre a arte e a vida, entre a expedição desbravadora e a produção de beleza, ambas desenvolvidas nos silentes desvãos da sexualidade *in vitro*. E daí a maior riqueza, força, pertinência histórica. Justamente quando o último rincão da teatralidade é a superfície luminosa das telas, neste jogo franco e radical em que tudo pode acontecer, parece que as imagens transcendem sua imaterial insignificância e ganham ares de presença e trespassam, atravessam corpos e sonhos e vozes.